

DO FOLCLORE E SUA IRMANDADE

nores dos restauros em castelos, mosteiros e igrejas, cujos arrebiques e lindezas provocaram a Afonso Lopes Vieira este nauseado desabafo:

*Antes vê-los caídos, arruinados e sós,
Que igrejas com bâton, castelos com chinós!*

Se nenhuma intervenção suasória se permite, se qualquer reparo ou censura é punível por crime de lesa-infalibilidade, só resta a lamentação surda e inoperante, já que não é possível a justiça de atagantar os malfeitores que estão a corromper o gosto do Povo Português e a descarar sem vergonha a sua tradicional fisionomia.

15 DE SETEMBRO DE 1946.

A Padroeira do Reino

Encerraram-se ontem em Vila Viçosa, as festas comemorativas do tricentenário do Padroado de Nossa Senhora da Conceição.

Pelo seu aspecto religioso e pelo interesse histórico, estas demonstrações jubilares bem merecem ser registadas nos fastos da vida nacional.

Como é de todos sabido, El-Rei D. João IV, por si, pelo príncipe D. Teodósio e seus sucessores, em nome da Nação Portuguesa e dos seus Domínios Ultramarinos, renovava e aumentava as promessas de D. Afonso Henriques: expedia a provisão de 25 de Março de 1946, pela qual se constituia perpétuo vassalo e tributário da Santa Casa de Vila Viçosa, pelo pagamento anual de cinquenta cruzados de ouro.

Ao mesmo tempo prometia-se e jurava-se confessar e defender sempre até dar a vida, sendo necessário, que a Virgem Senhora Mãe de Deus foi concebida sem pecado original.

Este voto foi aceite e cumprido, espalhando-se pelos municípios da nação as lápides que ainda hoje dão testemunho de tal proclamação e juramento.

Depois deste acto de preito e vassalagem, os soberanos da dinastia de Bragança nunca mais apareceram ou foram representados com o símbolo de realeza na cabeça, tendo sido deposta aos pés da Virgem da Conceição de Vila Viçosa, a coroa dos antigos reis de Portugal.

Sob esta invocação que até aos nossos dias perdurou, a Mãe de Deus passou a ser a Soberana Senhora, a Quem a nação prestava permanente culto e vassalagem.

E' de crer que nenhuma nação da Cristandade tão longe levasse o seu sentimento de hiperdulia.

Confessar a pressentida verdade da isenção de peccado original, três séculos antes da sua definição dogmática, também o fizeram a França de Luís XIV e a Espanha de Filipe IV.

Mas o Restaurador excedeu os meditados propósitos do rei cristianíssimo e do rei católico, abdicando a sua soberania na Virgem da Conceição e declarando-se seu vassalo com a obrigação do já referido tributo de ouro.

Muitos anos havia que essa prestação deixara de ser paga e também de há muito não existem reis que

com lealdade e devoção, pudessem cumprir tal encargo.

Em nome de Portugal cristão, de joelhos diante da Imagem venerada em Vila Viçosa, o episcopado português reatou ontem essa piedosa tradição no altar erguido junto à muralha do castelo, entregando cada prelado nas mãos do Metropolita Eborense, o óbulo de ouro da sua respectiva diocese. Iniciou o pagamento o Cardeal Patriarca de Lisboa.

No grande rejuvenescimento espiritual que desde as aparições de Fátima se tem operado na terra portuguesa, nenhuma outra demonstração de tradicionalismo religioso alcançou tão expressivo significado.

Se em Portugal não há rei para cumprir o voto do tributo sagrado, os bispos portugueses proclamam-se devedores, solvendo pela Nação que ainda não foi possível descristianizar, a dívida assumida por El-Rei D. João IV.

Durante o II Congresso Mariano Nacional, reunido em Évora nestes últimos dias, multiplicaram-se as manifestações de piedade; defenderam-se teses com brilho e fervor; ordenou-se uma exposição de arte sacra da arquidiocese que ficará memorável nos anais da cultura portuguesa. Mas as derradeiras manifestações de religiosidade em Vila Viçosa, *patrio solar da Sereníssima Casa de Bragança, restauradora da Majestade Portuguesa*, onde neste País se ergueu o primeiro santuário

à Virgem da Conceição, excederiam em sentimento filial, em ternura sincera e tradicionalista, em efusão histórico-religiosa, tudo quanto em Évora com maior sumptuosidade se havia levado a efeito.

Não eram as janelas da vila engalanadas, nem as fâmulas simbólicas a trapejar, nem o concurso dos peregrinos que de todos os lados vieram, que davam especial carácter e valor às celebrações.

Este irradiante eflúvio provinha do ambiente histórico, sentia-se na tradição restaurada, nas lembranças de há trezentos anos que agora penetravam nas almas dos portugueses ali vindos por dever e devoção.

Ali estava o castelo fortificado por D. Dinís e D. Fernando, tomado e retomado aos castelhanos pelas lutas de 1383-1385, e de que, após Aljubarrota, seria donatário o Condestável D. Nuno Álvares Pereira.

Estás mesmas pedras, a Vila Velha e o Santuário, estiveram cercados em 1665 pelas tropas espanholas do comando do Marquês de Caracena.

E durante os mais tenazes esforços de resistência aos sitiantes, comandados por Cristóvão de Brito, por dentro dos muros, os portugueses saíam em procissão com a imagem da Virgem Padroeira do Reino, e animados com as notícias da aproximação do exército de socorro que partira de Estremoz, mantêm-se heroicamente na defensiva, até ser ganha pelo marquês de

Marialva e por Schomberg a batalha de Montes Claros.

Por memória reconhecida, ainda na capela-mór se guarda em permanente exposição, a bandeira real que foi vitoriosamente içada na tarde dessa façanha militar (17 de Junho de 1665).

No Palácio Ducal viveu-se história em diversos lances do destino da colectividade; no Panteão dos Duques repousam friamente as ossadas desses grandes senhores; nos conventos das Chagas e da Esperança humildemente jazem em sepulturas rasas, os restos mortais das senhoras Duquesas, à espera do juízo final...

Já aclamado em Lisboa, Évora e outras terras, daqui partia a caminho do Trono o duque D. João II, esse Rei alentejano, que sem guarda, apenas com alguns fidalgos e criados, ia ao encontro das aspirações da Revolução de 1640; duas semanas depois, também seguiria para a Côrte a Rainha D. Luísa de Gusmão, levando no seu coche o Príncipe D. Teodósio e as Infantas D. Joana e D. Catarina, por seu pai e por sua mãe descendentes de Nuno Álvares, de D. João I e do doutor João das Regras, os três grandes obreiros da Emancipação.

Para que nesta vila não se acabem as visões, os prognósticos e os casos geradores de maravilhoso, ainda agora se pôde observar um fenómeno inesperado,

que a muitos dos presentes ali se afigurou novo sinal de predestinação.

Acompanhando o andor da Imagem, cujo oferecimento a tradição local atribui ao Santo Condestável, uma procissão nocturna ordenadamente percorria as ruas e largos da vila.

Tornejando o Terreiro do Paço, onde agora se ergue a majestosa estátua de D. João IV, a obra de génio de Francisco Franco estava intensamente iluminada com reflectores eléctricos, de sorte que a pedra do pedestal, assim como o bronze do cavaleiro e do cavalo, tomavam o aspecto de cristal coalhado.

No momento em que a procissão desfilava, no céu límpido e estrelado, por cima dos telhados do Paço Ducal, sustinha-se uma nuvem pequena e densa. Naquela clara espessura, o reflector projectava uma gigantesca sombra da estátua, vendo-se o cavaleiro e o cavalo a irromper e a pairar em alturas, a que o insigne artista não podia ter aspirado...

Por aquele efeito de luz, como de aparição inesperada e simbólica, parecia que os céus de Vila Viçosa não ficavam indiferentes ao júbilo dos fiéis que respeitadamente iam passando. Talvez aos olhos da alma se lhes mostrasse de novo a sombra do Encoberto, aquela que há mais de trezentos anos era vista dos eremitérios e dos cláustros, para consolo da tribulação.

A reflexão dos que não crêem em acasos, aos sebastianistas de hoje, em tais instantes de comoção religiosa, aquela sombra afigurava-se-lhes propícia, um presságio promissor, benéfico sinal de futuros tempos...

Por espaço de uma noite e um dia, esta terra bem-fadada para altos destinos, viu enriquecidos os seus históricos anais de culto religioso e patriótico com memoráveis celebrações.

E os portugueses fiéis a Deus e ao Rei, com gostosa comoção remontavam em lembrança aos séculos passados, diante deste espectáculo de fé viva, e aos pés do altar da Virgem da Conceição, Padroeira do Reino, melhor compreenderam que só é digna e justa a força da espada, quando a iluminam celestes esplendores.

21 DE OUTUBRO DE 1946.